

A mulher, dirigindo inconsciente,
cai no rio com o bebê. Por sorte, naquele
momento alguém está por perto.

Um mergulho na escuridão

Por NANETTE WATERSHOLL

VOLTO LOGO”, disse Laura ao marido, fechando a porta da frente com a filha de 1 mês no colo. Queria satisfazer o desejo de tomar sorvete e decidira levar com ela o bebê. Pretendia ir até a lanchonete em Dickinson, Dakota do Norte, em busca de seu sorvete favorito – um *sundae* coberto por calda de chocolate quente e amendoim picado. Enquanto isso, Kevin, um petroleiro de 40 anos, colocava para dormir a filha mais velha, Ashley, 4 anos.

Faltava pouco para as 21 horas, numa noite nublada de julho, quando Laura prendeu Chloe na cadeirinha do automóvel e saiu em seu velho sedã. Ela bocejou. As últimas semanas não tinham sido fáceis. Embora a gravidez de Chloe houvesse transcorrido sem problemas, desde que tivera o bebê havia piorado da diabete. O nível de açúcar em seu sangue oscilava sem controle. Nos últimos dias, a bancária Laura, 24 anos, precisava medir a taxa de glicose com poucas horas de intervalo. Diabética desde a infância, sabia que níveis demasiadamente baixos podiam causar desmaios ou convulsões perigosas.

Olhou com afeto para Chloe, cujos tufinhos de cabelos brilhavam sob as luzes da rua. “Como o açúcar no sangue da mamãe estava normal na hora do jantar”, sussurrou para a filha adormecida, “vamos fazer essa extravagância.”

Do outro lado da cidade, Tracie O'Donnell fechava os olhos e prestava atenção aos barulhos da natureza – o cricrilar dos grilos, o ruído dos cavalos mastigando feno em um curral próximo, a cantiga suave do Rio Heart, que, no dia anterior, esbravejara com

a cheia. Embora seu trabalho como enfermeira particular exigisse que estivesse pronta às 7h30 na manhã seguinte e naquele momento ela se sentisse exausta, Tracie, aos 32 anos,

estava feliz por ter permitido que as crianças acampassem no quintal. Nos últimos dez anos, o trabalho a levava de casa em casa, de um paciente a outro, pelas estradas ao redor da pequena Dickinson, exigindo-lhe um total de 60 horas por semana. Adorava a profissão, mas sentia-se esgotada física e emocionalmente. Como se não bastasse, estava tentando curar-se da dor no ombro

que lhe ficara como seqüela de uma cirurgia feita alguns meses antes.

Enfim, essa noite contando histórias e fazendo churrasco ao ar livre com o marido, Thadd, e os filhos Seth, 6 anos, e Danielle, 8, era tudo de que precisava.

A CAMINHO da cidade, Laura passou por vários pastos ao longo da estrada. O que seria um rápido passeio acabou se transformando em voltas e mais voltas, que já duravam duas horas. Embora mais tarde não se lembrasse, aparentemente ela guiara sem destino ao redor de Dickin-

**Laura guiou
sem destino ao
redor da
cidade,
no escuro,
sem perceber
que estava
quase
inconsciente.**

son, onde morara a vida toda, sem perceber que se encontrava quase inconsciente.

Depois, soube que a injeção de insulina administrada antes do jantar agira como previsto, baixando sua taxa de glicose. No entanto, os hormônios necessários para produzir o leite da mamada seguinte absorveram ainda mais açúcar de sua corrente sanguínea – mais do que seu organismo podia suportar. Sob o efeito da hipoglicemia, o sistema nervoso central de Laura foi prejudicado, fazendo-a perder a noção de como entrava nas curvas e desvios das estradas.

POUCOS QUILÔMETROS ao sul, na iluminação tênue do *trailer*, em sua propriedade de oito hectares, Tracie ouviu atentamente a respiração suave e cadenciada das crianças e apagou a luz. Por sofrer de alergia, o marido, Thadd, de 33 anos, professor da área de saúde na Universidade Estadual de Dickinson, preferira dormir dentro de casa. Tracie ajeitou-se na cama larga do *trailer*. Programas como esse, mesmo no calor do verão, concluiu, eram mesmo mais apropriados para crianças e mães.

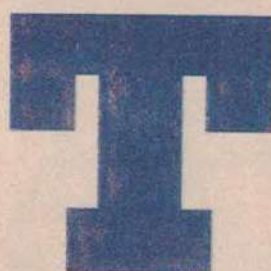
Uma hora mais tarde, Tracie acordou sobressaltada com um barulho na água. Uma buzina de carro começou a tocar. Pela janela do *trailer* foi possível ver dois focos de luz brilhando um pouco abaixo do redemoinho formado na superfície do rio. Alguém tinha caído no Heart.

Ao perder o controle numa curva,

o sedã cinza de Laura foi jogado contra uma cerca de arame farpado que fazia limite com a propriedade de Tracie e Thadd. Arrastando pedaços da cerca, deu uma guinada para o outro lado da estrada, caindo emborcado de uma baixa mureta de concreto. A frente do carro ficou presa no lodo da margem oposta do rio. A água escura começou a entrar e encher o automóvel.

Voltando à consciência em decorrência do impacto, Laura tentou respirar e entrou em pânico ao ver que a água fria invadia o carro. Os estilhaços de vidro do pára-brisa e das janelas feriram-lhe as mãos.

Preso ao cinto de segurança, ela contorceu-se para tentar ver a filha. Chloe ainda estava na cadeirinha, de cabeça para baixo, imóvel, a poucos centímetros da água que subia. Mas Laura não conseguia mover-se ou ter idéia do que estava acontecendo. De repente, tudo ficou escuro e silencioso.

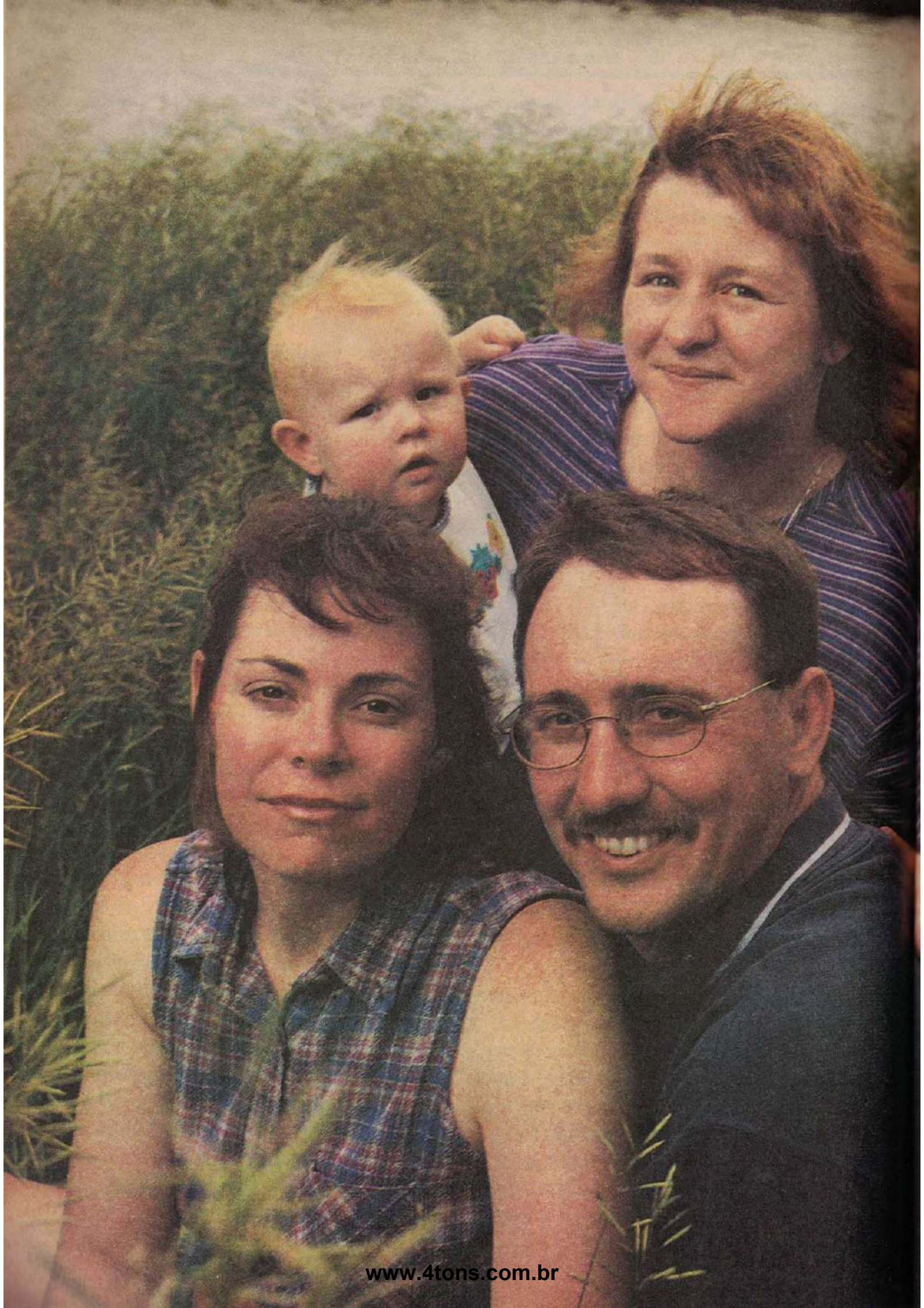


TRACIE levantou-se e correu em direção a casa.

– Thadd – gritou ela –, alguém caiu no rio. Peça socorro!

Passando pela porta dos fundos, pegou algumas toalhas, uma lanterna e calçou um par de tênis. Sabia que sem eles os pés seriam feridos pelos estilhaços de vidro. Não era a primeira vez que um carro caía ali.

Quase 200 metros separavam a casa do rio, e Tracie percorreu o tra-



jeto o mais rápido que pôde. Atirou-se na água que subia até seu peito, arrastando-se em meio ao mato espesso, aos galhos e ao arame farpado. No escuro, viu nuvens de fumaça que saíam do motor ainda em funcionamento.

Forçou a porta da frente do carona, abrindo-a uns poucos centímetros antes que ficasse presa na lama do leito do rio. Subindo no chassi do automóvel, espiou o seu interior e conseguiu ver a motorista tentando livrar-se do cinto de segurança, com o rosto submerso. Assim que Tracie a alcançou pela porta, a mulher perdeu as forças. Agarrando-a pelos cabelos, Tracie levantou-lhe a cabeça acima do nível da água.

Thadd atirou-se no rio e circundou o carro, à procura de outros passageiros. Ao chegar à porta da frente, avistou a borda plástica da cadeirinha e o pequenino bebê preso a ela.

Pelo tato, tentou encontrar o cinto que prendia a cadeirinha ao assento e apertou o botão para soltá-la. Livre, a cadeirinha com o bebê afundou por um breve momento. Thadd desvirou-a e, curvando-se, mergulhou o bebê novamente, de forma que pudesse transportá-lo pela porta entreaberta. Em seguida, dirigiu-se apressado à margem do rio e o entregou encharcado a um vizinho que corraera para o local.

Tracie viu o marido nadar de volta, em sua direção. Tudo parecia acontecer em câmara lenta.

– Não vou agüentar muito tempo! – ela gritou. Seus braços doíam e o ombro latejava.

Thadd posicionou seu corpo robusto contra o da motorista, soltou o cinto de segurança e segurou-a assim que ela pendeu para a frente. Colocou-a numa posição em que a cabeça da mulher se mantivesse fora d'água.

– Acho que não devemos movê-la mais do que isso! – gritou para Tracie.

Sua mulher concordou. Talvez a jovem tivesse fratu-

No lugar certo – ‘Se o acidente tivesse sido em outro lugar, Chloe e eu teríamos morrido’, diz Laura, feliz que os O’Donnells as tenham resgatado.

rado a cabeça ou a espinha. Foi até a margem do rio para ver como estava o bebê. Vendo que as batidas cardíacas e a respiração eram normais, voltou para ajudar o marido. *Bem que podia chegar a ambulância*, pensou.

LAURA NÃO conseguia recuperar os sentidos. Sua cabeça estava tomada por sons e sensações – a buzina disparada, a água fria. É uma voz de mulher perguntando: “Você está drogada? Bêbada?”

Não, não!, pensou, tonta, sentindo-se cada vez mais frustrada. Onde está o meu bebê?, queria gritar. Mas as palavras não saíam.

– Qual o seu nome? E o número do seu telefone? Tinha mais alguém no carro além de você e o bebê?

– Não sei – ela obrigou-se a responder. – Meu nome é Laura. – E então tudo ficou escuro novamente.

TRACIE EXAMINOU O rosto da jovem, afastando o cabelo enlameado de seus olhos. “Laura”, repetiu para si mesma. “Laura.”

Espere aí, pensou no momento em que as peças do quebra-cabeça se encaixaram.

– Eu conheço esta mulher! – gri-

to, dirigindo-se à margem do rio. Em seguida, encharcada, atravessou o gramado até a casa. – Não temos muito tempo.

Faz tantos anos, pensou, abrindo a porta da geladeira. *Agüente firme, por favor.*

AS LEMBRANÇAS vieram à tona: uma adolescente com complicações provenientes da diabete, com um pé gravemente infeccionado. Tinha tratado dela durante várias semanas. Sua taxa de glicose sempre fora difícil de controlar. Perguntava-se, com frequência, como estaria a vida de Laura depois que conseguiram salvar-lhe o pé.

Pondo de lado uma garrafa de leite, ela pegou uma caixa de suco. *Açúcar*, pensou, saindo em disparada.

– Ela é diabética – gritou para o marido. – Está em choque. Temos de elevar logo a sua taxa de açúcar.

Sabia que cada minuto desperdiçado representava perigo maior.

Thadd deslizou a mão por trás do pescoço de Laura, empurrando-lhe a cabeça, enquanto Tracie derramava o líquido açucarado em sua garganta, torcendo para que ela o engolissem.

– Vamos! Beba! – pedia.

**Tracie
saiu do rio e
correu,
encharcada,
atravessando
o gramado até
a casa. ‘Não
temos muito
tempo.’**

De repente, Laura conseguiu engolir um pouco do suco. Em seguida, seus olhos se abriram.

– Onde está o meu bebê? – gritou.

Tracie deu um suspiro de alívio. Ao longe, ouviu o som da bem-vinda sirene de uma ambulância se aproximando. Sorriu para sua antiga paciente e disse:

– Ela está bem. E você também vai ficar.

Laura deixou o hospital naquela mesma noite com apenas alguns cortes nos pés e nas mãos. Chloe na-

da sofrera. Os médicos confirmaram que as alterações hormonais, próprias do período pós-parto, intensificadas pela produção do leite, levaram à queda brusca da taxa de glicose no sangue de Laura, provocando a hipoglicemia e a perda da consciência.

No dia seguinte, o médico de Laura insistiu para que ela desmamasse a filha imediatamente.

No caminho de casa, Laura deixou a imagem de um anjo da guarda na porta de Tracie.

PRONTO PARA TRABALHAR?



Responda às perguntas a seguir e veja se você é um bom profissional.

1. Como fazemos para colocar uma girafa na geladeira?

Resposta: Abrimos a geladeira, colocamos a girafa lá dentro e fechamos a porta.

(A pergunta testa nossa propensão a complicar tarefas simples.)

2. Como fazemos para colocar um elefante na geladeira?

Resposta: Abrimos a geladeira, tiramos a girafa, colocamos o elefante e fechamos a porta.

(Essa aqui testa a capacidade de pensar nas repercussões de nossas ações.)

3. O rei Leão promove uma conferência de animais. Todos os bichos da floresta comparecem, menos um. Que animal não comparece à conferência?

Resposta: O elefante, porque está na geladeira.

(A pergunta testa nossa memória.)

4. Precisamos atravessar um rio cheio de jacarés. O que fazemos?

Resposta: Todos os jacarés estão na conferência de animais; basta nadarmos.

(Essa questão testa a capacidade de aprendermos com nossos erros.)

Entre aspas

A amizade nada pede em troca – apenas uma pequena manutenção.

—GEORGES BRASSENS

A preguiça é fundamental. De um bocejo nasce o sonho. E de um sonho se tira o real.

—DORIVAL CAYMMI,
citado por Sidney Rezende em "Deve ser bom ser você" (Editora Futura)

Ser feliz é mais difícil do que ter dinheiro. Qualquer um que pense que o dinheiro o fará feliz, não tem dinheiro.

—DAVID GEFEN
em "20/20" (ABC)

Quem disse?

Não gosto da palavra auge. Dá a impressão de que a gente não tem mais para onde ir, e eu sempre acho que tem.

- a) Ronaldo
- b) Marieta Severo
- c) Reynaldo Gianecchini

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

b) Marieta Severo na *Epoca*

Acho que tenho mesmo um rosto de séculos passados.

—ANA PAULA ARÓSIO na *IstoÉ*

É fácil ganhar a reputação de sábio. Só é necessário viver muito tempo, falar pouco e fazer ainda menos.

—P.D. JAMES

É inteligência espiritual saber antever o doce ainda em pleno amargo, o crescimento em meio ao sofrimento, ou o 'chão' em meio ao desterro.

—NILTON BONDER
em *Fronteiras da inteligência* (Campus)

Todo sucesso costuma ser um bilhete de entrada para uma nova série de decisões.

—HENRY KISSINGER,
Years of renewal (Simon & Schuster)

A boa música tem tanto a ver com os espaços entre as notas musicais quanto com as notas em si.

—STING

A anonimidade é a mais verdadeira expressão de altruísmo.

—ERIC GIBSON no *Wall Street Journal*